

N. 13/2/84

É satisfatório ritmo de crescimento

— considera Mahamed Youcef, Co-Director-Geral

por António Barros

O Co-Director-Geral da Empresa Mista Moçambicano-Argelina (SAMOFOR), Mohamed Youcef, afirmou que o ritmo de crescimento da empresa é satisfatório e em apenas dois meses de actividade tinham sido produzidos 2 100 metros cúbicos de madeira para diversos fins, o ano passado. Segundo Youcef, «isto é uma prova eloquente de que a empresa está a cumprir, escrupulosamente, com os objectivos para os quais foi criada». Aquele responsável, falando numa entrevista concedida ao nosso correspondente em Quelimane, a propósito dos objectivos da criação daquela unidade de produção, afirmou:

Pergunta — Gostaríamos de saber primeiro os objectivos da criação desta Empresa.

Resposta — No que concerne aos objectivos desta Empresa Mista Argélia/Moçambique — SAMOFOR, eles são essencialmente económicos, pois nós dedicamo-nos à exploração de florestas para exportação de madeira, primeiro para a Argélia, mas também para outros países. Pretendemos revalorizar a produção local para a transformação do produto. Objectivos económicos mutuamente vantajosos. A criação desta empresa é o resultado das conversações mantidas entre o Presidente Samora Machel, de Moçambique, e o Presidente Chadli Benjedid, da Argélia. São já conhecidos os laços de amizade que ligam os dois países desde a luta de libertação.

P. — Qual é o investimento para o arranque do empreendimento?

R. — Bom eu poderia dizer que o montante para o arranque é de 51 por cento pela parte do Governo moçambicano e 49 por cento pela Argélia. Maioritariamente o investimento é moçambicano.

A criação da sociedade vai ser feita em duas etapas. Primeiro estamos a operar numa zona-piloto, mais concretamente em Nicoadala, para se proceder aos estudos de base e engajar os trabalhadores, como seja a formação, organização e algum equipamento. Este capital social, uma vez que os estudos estejam terminados, poderá vir a ser aumentado, numa segunda fase da criação da sociedade, pois existem possibilidades de criação de um complexo industrial para a transformação da madeira.

P. — E quanto ao problema do pessoal?

R. — A nossa empresa tem uma certa liberdade na aquisição de quadros técnicos mas prioritariamente moçambicanos. Depois poderemos recorrer a outros países, principalmente a Argélia. Esta sociedade moçambicano-argelina é um primeiro passo na cooperação entre dois países em vias de desenvolvimento. Isso inscreve-se na perspectiva do diálogo Sul-Sul. Como somos dois, como disse, países em vias de desenvolvimento, poderá também a Argélia não ter quadros, então aí recorreremos a outros países. Neste momento temos apenas moçambicanos e argelinos.

P. — Quais são as zonas onde vão actuar, qual é a espécie da madeira, e quanto é que produziram desde a vossa criação?

R. — Nós vamos actuar em toda a Província da Zambézia, mas neste momento as florestas encontram-se ainda em inventariação, a chamada inventariação florestal. Nesta primeira fase, a nossa produção anual será de 15 mil metros cúbicos, dos quais dez mil para exportação e os restantes para consumo interno.

Numa segunda fase, pensamos que num futuro breve, dependendo da experiência ora adquirida, alargaremos um pouco mais a nossa actividade, e poderemos actuar noutras províncias de Moçambique.

Nós começámos a trabalhar em Setembro/Outubro e até Dezembro produzimos apenas 2100 metros cúbicos.

Como eu disse, o nosso trabalho é para revalorizar a madeira, por essa razão é necessária a sua transformação aqui em Moçambique de forma que nós iniciámos alguns contactos com fábricas de Maputo e Beira para fazer contraplacado, folhados, parques, etc., e também serrar a madeira. Já foram comercializados 700 metros cúbicos, essencialmente para Maputo e mesmo aqui em Quelimane fornecemos aos produtores locais (carpinteiros e outros).

Mas, note-se que a nossa vocação está virada para a exportação de madeira de primeira categoria e tudo o resto tentaremos a sua transformação e venda localmente.

P. — Apesar de vocês terem iniciado a vossa actividade em Setembro de 1983, qual é, no seu parecer a qualidade da nossa madeira?

R. — Nós neste momento ainda não estamos a trabalhar na zona que nos foi adstrita, estamos, como disse, em Nicoadala, onde existe madeira cuja qualidade é boa, mas principalmente Murroto e Messassa, que é neste momento 80 por cento da nossa produção. Existe também naquela zona umbila, jambirre e chanfuta, mas não em grandes quantidades.

Estamos a tentar valorizar esta produção de Messassa enviando a madeira para Beira, para tentar a produção de folhados, entre outro aproveitamento que se possa dar.

P. — ...e quanto à exportação?

R. — Com respeito à exportação, somos obrigados a responder a um

certo número de normas que são exigidas pelo mercado internacional, as quais dizem respeito não só a dimensões, mas também à espécie. Há umas mais conhecidas que outras e isto nós vamos cumprir, mas no entanto vamos ensaiar a valorização da Messassa que não é conhecida a nível internacional.

Sobre ela vamos fazer um estudo tecnológico das espécies locais que não são conhecidas no mercado internacional. Já foram, para o efeito, feitos contactos com centros franceses para esses estudos. Difundiremos depois os resultados. Em seguida, no que diz respeito a madeiras conhecidas no mercado internacional, que respondem às dimensões pretendidas, nós exportaremos em prioridade.

P. — O que acha deste tipo de cooperação entre os dois países em vias de desenvolvimento?

R. — Eu penso que se deveria insistir sobre a experiência que está a ser levada a cabo pela República Popular de Moçambique e a República Popular e Democrática da Argélia, na cooperação entre dois países em vias de desenvolvimento. Gostaria que este projecto vencesse sob o ponto de vista económico, para que esta seja uma empresa que traga alguma coisa para os nossos dois países, no plano da formação, transferência de tecnologia, transformação da madeira, etc.

P. — Em relação aos trabalhadores o que se está a fazer? Segurança contra os acidentes de trabalho, condições sociais...

R. — Para além dos objectivos meramente económicos que acabei de falar, para nós é importante pôr à disposição dos trabalhadores as melhores condições de vida. Um dos grandes objectivos nossos. Vamos fazer os trabalhadores participarem na gestão da empresa. Este é um segundo princípio da sociedade agora criada. Queremos que a participação dos trabalhadores seja feita em todos os níveis. Existe já um embrão no selo dos trabalhadores onde eles podem desenvolver as suas actividades sindicais.

As regras de segurança são extremamente necessárias. Começámos por dar, por isso, cursos de formação para que se possam habituar ao manuseamento do equipamento com a segurança necessária.